

Drama e ação: o jornalismo - reality do Policia 24 horas

No dia 06 de maio, o programa Polícia 24 horas entrou na programação da Rede Bandeirantes como mais uma das grandes estréias da emissora em 2010, e apresenta-se como um “docu-reality” que acompanha a rotina dos policiais militares e civis de São Paulo. A idéia é mostrar, “sem maquiagem, nem atores, nem histórias fictícias”, o jornalismo policial fora da estrutura do telejornal. O formato, adaptação da atração que o antecedeu (o reality médico E24), seria mais uma das boas novas lançadas em parceria com a produtora Cuatro Cabezas, se a temática já não fosse uma velha conhecida da audiência brasileira.

Sendo então, a abordagem do ambiente policial uma peça notável na cultura televisiva do brasileiro, o Polícia 24 horas entra com o formato diferencial do documentário, mas sob os pilares e os apelos do melodrama, da narrativização dos fatos que pretende documentar sob o rigor da mais pura verdade. As situações vividas pelos policiais são histórias com início, meio e fim, e personagens muito bem definidos (inclusive, as legendas chegam a alternar a cor, brancas e amarelas, uma para policiais outra para os envolvidos na situação), e com direito a lição de moral. E mais, cada “episódio” tem um título: “Crash, Crash”, “Gritos na escuridão”, “Lobo mau”, entre outros.

No início do programa, o telespectador recebe um alerta inicial, de que aquela produção trata-se de “um documentário televisivo, com cunho jornalístico, (...) sem qualquer intenção de julgamento das partes envolvidas”. As pistas deste cunho são dadas pelo uso dos recursos técnicos e da linguagem televisiva a serviço do jornalismo: identificação das fontes e delimitação de seus papéis, os boxes com informações e dados sobre a violência em São Paulo e no Brasil, o texto de abertura e o final – que funciona como uma “nota pé”. Quase todas as sonoras dos envolvidos possuem legendas, e tanto os policiais quanto as fontes envolvidas vez ou outra respondem a perguntas que o telespectador não sabe exatamente quem as faz - o câmara, um repórter, ou um produtor? O programa não dá pistas claras sobre os papéis assumidos por trás das câmeras.

As ocorrências, ou melhor, situações retratadas, passam por níveis: vai desde uma briga de vizinhos, reclamando de som alto, até assassinatos e exposição de cadáveres. Às vezes, a impressão é a de que, não fosse o formato documental e a criativa edição, seria mais uma das malvistas “baixarias” que permeiam a tradição dos noticiários policiais no Brasil. Afinal, são os mesmos cadáveres, a mesma voz de apelo da periferia, que está em evidência em atrações como Aqui Agora, e na Bahia, o Se liga Bocão, Na Mira, Que Venha o Povo.

Embora não tenha sido encontrada no site oficial da emissora, a informação de que o programa terá treze episódios no primeiro semestre já circula entre os sítios. Por enquanto, entre as pesquisas curiosas sobre o programa, apenas a jornalista Patricia

Kogut se arriscou em comentar sobre o programa, classificando-o como “ruim”, “chapa branca mal feita”.

De fato, o programa cumpre o papel de informar através das premissas que majoritariamente, legitimam o papel do telejornalismo no Brasil, que é o da vigilância, da investigação, denúncia – das mazelas sociais e suas conseqüências -, de serviço público. Mas a presença de recursos de dramatização, do melodrama, que dizem muito do modo como a tevê foi “culturalizada” nos lares brasileiros, talvez seja uma pista do que o fez até o momento, pontuar bem na audiência das noites de quinta – feira. O policial, tal qual os jornalistas, se consideramos a perspectiva dos cultural studies, faz parte de uma instituição social que é referência nos valores, nas idéias, no bem estar. Neste programa, ele é construído na forma de mediador principal que dá exemplo, que cumpre o seu papel em busca do final feliz e justo, como deve esperar o telespectador. Sempre chamado de “senhor” pelos detidos, e no fim, sempre com o discurso de que “calma, vamos resolver, estamos aqui para ajudar”, os policiais também desempenham importante papel no endereçamento do programa ao telespectador, no sentido de oferecer uma resposta a um apelo social latente no Brasil, de justiça e combate à impunidade. Não descartamos ainda, a possibilidade de, junto a esse papel do policial – herói, estar representada a questão do aumento do aparato repressivo, como uma solução para a violência no país.